

Irrepetível desde sempre: tempo real e tempo imaginário em *Cem anos de solidão*

Since Forever Non Repeatable: Real Time and Imaginary Time in One Hundred Years of Solitude

Érica Rodrigues Fontes*
Universidade Federal do Piauí - UFPI

João Philippe Lima*
Mestrando em Letras - Universidade Federal do Piauí - UFPI

165

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo investigar como os conceitos de tempo real e tempo imaginário da Física moderna são representados em *Cem anos de solidão*, do autor colombiano Gabriel García Márquez. Utilizamos as obras *Uma breve história do tempo* e *O universo numa casca de noz*, do físico britânico Stephen Hawking, para definirmos os conceitos de tempo real e tempo imaginário, para então investigarmos como estes conceitos são representados dentro da obra, onde a cronologia linear de Macondo convive com a história repleta de repetições da família Buendía. O trabalho foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica, com a leitura da obra em questão e do suporte teórico necessário para sua análise. Conclui-se que o tempo em *Cem anos de solidão* possui uma natureza dual, na qual o tempo real delimita uma história com começo, meio e fim definidos e o tempo imaginário representa uma concepção temporal cíclica.

PALAVRAS-CHAVE: Gabriel García Márquez - *Cem anos de solidão*. *Cem anos de solidão* - Realismo mágico. Tempo real - Tema Literário. Tempo imaginário - Tema Literário.

ABSTRACT: This paper has the goal of investigating how the concepts of real time and imaginary time of modern Physics are represented in *One Hundred Years of Solitude*, by

* Doutora em Literatura Luso-brasileira pela University of North Carolina at Chapel Hill.

* Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Piauí.

Colombian author Gabriel García Márquez. We used *A Brief History of Time* and *The Universe in a Nutshell*, by Stephen Hawking, to define the concepts of real and imaginary time, then we investigated how these concepts are represented on the novel, where the linear chronology of Macondo dwells side by side with the full of repetitions history of the Buendía family. The paper was written by means of bibliographical research. The conclusion is that time in *One Hundred Years of Solitude* has a dual nature, where real time delimitates a history with beginning and end very well-defined, whereas imaginary time represents a cyclical notion of time.

KEYWORDS: Gabriel García Márquez - *One Hundred Years of Solitude*. *One Hundred Years of Solitude* - Magical Realism. Real Time - Literary Theme. Imaginary Time - Literary Theme.

Introdução

Cem Anos de Solidão, publicado em 1967, é o segundo romance de Gabriel García Márquez, e aquele que projetou o autor colombiano para a fama mundial com sua história da família Buendía e da povoação fundada por ela, Macondo, que já haviam aparecido em obras anteriores, como seu primeiro romance *A má hora*, e contos como *La Hojarasca* e *Os funerais da Mamã Grande*. Ao observar atentamente a história da povoação e da família ao longo de mais de um século, é possível traçar paralelos entre a narrativa e a história da Colômbia, da América Latina, do mundo e mesmo do universo, como ressalta Merrell (1999, p. 19).

Uma das características mais notáveis da obra é a maneira dualística como o tempo é expresso nela: por um lado temos uma narrativa convencional, que aborda a história de Macondo do seu princípio edênico ao seu final apocalíptico, bem como a trajetória da família Buendía até o nascimento do filho com rabo de porco, “o animal mitológico que haveria de por fim à estirpe” (MÁRQUEZ, 2004, p. 394). Mas, por outro lado, é repleta de repetições: os nomes dos membros da família, seus traços de personalidade, até mesmo frases e acontecimentos que se repetem e dão a impressão de que o tempo não é apenas linear, mas também pode ser cíclico. Esta natureza dual do tempo em *Cem anos de solidão* se assemelha com a dicotomia entre linearidade e circularidade do tempo que permeia várias religiões e mitologias

e que se vê reproduzida na Física contemporânea através dos conceitos de tempo real e tempo imaginário. Para tanto, principiaremos por abordar os conceitos de tempo real e tempo imaginário como eles são tratados na Física moderna, para então investigarmos como estes conceitos podem ser associados às concepções linear e cíclica de tempo presentes na obra.

O conceito físico de tempo real e tempo imaginário

Embora a Física enquanto ciência tenha seus primórdios em pensadores da Antiguidade como Aristóteles e Arquimedes, foi apenas a partir da Idade Moderna que o tempo passou a ser identificado como primordialmente pertencente à sua área de estudos (ELIAS, 2000, p. 8). Os trabalhos de Galileu e Newton culminaram com a estruturação da mecânica clássica, na qual tempo e espaço eram tratados como entidades absolutas, panos de fundo nos quais os eventos se desenrolavam. A concepção do tempo como absoluto só viria a ser contestada a partir do século XIX, primeiro com a Segunda Lei da Termodinâmica, cuja irreversibilidade do aumento de entropia implicava que o universo não poderia ser eterno, e as leis de Maxwell sobre a propagação da luz, que culminaria no início do século XX com as Relatividades Especial e Geral de Einstein. Para se adequar às leis de Maxwell, segundo as quais a luz se propagaria com uma velocidade fixa, foi necessário abolir o conceito absoluto de tempo: para que todos os observadores tenham a mesma medida da velocidade da luz é necessário que o tempo passe de forma diferente para cada um, uma vez que a velocidade é a distância dividida pelo tempo. Em altas velocidades e intensos campos gravitacionais, o tempo passa mais devagar (HAWKING, 2001).

No transcorrer do século XX, as concepções linear e circular de tempo foram, cada um a seu modo, fortalecidas cada qual por um dos grandes ramos da Física moderna: a Relatividade Geral e a Teoria Quântica. A descoberta da expansão do universo na década de 1920 fortaleceu o que a Segunda Lei da

Termodinâmica já havia sugerido: o universo não é eterno, ele teve um início. Embora teorias cosmológicas como o Estado Estacionário tenham surgido para salvar a eternidade e a imutabilidade do universo, a teoria do Big Bang consolidou-se como hegemônica a partir dos anos 1960, e com ela, a concepção de um universo com início meio e fim. Na Teoria Quântica, no entanto, as coisas são diferentes: o tempo não precisa fluir, e, de acordo com interpretações como a Soma de Histórias de Feynman e a Interpretação de Múltiplos Mundos de Everett, pode nem mesmo existir de fato. Callender (2010, p. 69-75) lembra que o tempo na Teoria Quântica é semelhante ao da Física Newtoniana, o que torna sua unificação com a Relatividade particularmente complicada. Para ele, o tempo pode ser uma ferramenta útil para a Física mesmo que não exista em um nível mais profundo: “o universo pode ser atemporal, mas se o imaginarmos em pedaços, alguns deles podem servir de relógios uns para os outros. O tempo emerge da atemporalidade” (CALLENDER, 2010, p. 75). A circularidade do tempo encontrou na Quântica um nicho no qual sobreviver e continuar a ser uma proposta viável para a compreensão da elusiva natureza do tempo. Muitos dos principais problemas ainda sem solução da Física contemporânea necessitam de uma união entre a Relatividade e a Teoria Quântica, algo ainda não atingido. O cabo de guerra entre os proponentes de um tempo com início, meio e fim e aqueles que propõem um tempo eterno parece estar longe de um final.

Na tentativa de resolver os espinhosos problemas que emergem da dicotomia entre linearidade e circularidade do tempo, o físico britânico Stephen Hawking concebeu o conceito de tempo imaginário, que “soa como coisa de ficção científica, mas é um conceito matemático bem definido: é o tempo medido nos denominados números imaginários” (HAWKING, 2001, p. 59). Os números imaginários são concebidos como uma reta perpendicular àquela utilizada para representar os números reais. No tempo real a linearidade é uma consequência imposta pela já mencionada Segunda Lei da Termodinâmica, mas o tempo imaginário, “por ser perpendicular ao tempo real, [...] pode, portanto, ter uma série muito mais rica de possibilidades do

que o tempo real” (HAWKING, 2001, p. 60-61). A dualidade tempo real-tempo imaginário é um reflexo da dualidade entre linearidade e circularidade do tempo presente na Física até os dias de hoje.

Tempo real e tempo imaginário em *Cem anos de solidão*

Em *Cem anos de solidão* encontramos a mesma tensão entre duas concepções de tempo, uma linear e uma cíclica. Por um lado, a história de Macondo tem um começo e um fim muito bem delimitados: a fundação traz uma sugestão de início do tempo, uma vez que lá “o mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome e era preciso apontá-las com o dedo” (MÁRQUEZ, 2004, p. 6). A destruição de Macondo é descrita em tons apocalípticos, como se o próprio tempo chegasse ao fim, pois “tudo [...] era irrepetível, desde sempre e por todo o sempre” (MÁRQUEZ, 2004, p. 394). Por outro lado, a narrativa é cheia de ciclos e repetições, não apenas nos nomes dos personagens, mas em suas personalidades e até mesmo eventos similares que ocorrem em diferentes épocas com diferentes personagens, como atesta Bell Villada:

It should be borne in mind that *One Hundred Years of Solitude*, while basically chronological and “linear” enough in its broad outlines, also shows abundant zigzags in time, both flashbacks of matters past and long leaps towards events future [...] Time in the novel is as subject to large-scale narrative shifts [...] García Márquez’s temporal dislocations [...] are unobtrusive, and call as little attention to themselves as do his own more celebrated violations of laws physical and spatial (BELL-VILLADA, 2009, p. 44).

Como esta tensão entre diferentes concepções de tempo se reflete no decorrer da narrativa? Para compreender este aspecto da obra, precisamos investigar como as concepções linear e circular de tempo convivem e conflitam na mesma, desde a fundação de Macondo até a sua destruição.

A fundação de Macondo pode ser considerada um mito de criação. Embora fique claro que o local foi fundado por pessoas vindas de outras regiões, a Macondo dos primórdios é um local completamente isolado do mundo exterior, exceção feita às visitas da tribo de Melquíades, separado de seu passado por uma selva impenetrável mesmo nos tempos das insurreições do Coronel Aureliano Buendía, que “anos depois [...] tentara seguir a mesma rota para apanhar Riohacha de surpresa e aos seis dias de viagem compreendeu que era uma loucura” (MÁRQUEZ, 2004, p. 28), e desconhecido pela morte, o que poderia ser encarado como um paralelo com o Éden do mito de criação judaico-cristão, onde Adão e Eva também não a conhecem. Pode-se dizer que Macondo nasce na noite em que José Arcadio Buendía sonha que “naquele lugar se levantava uma cidade ruidosa, com casas de paredes de espelhos. Perguntou-lhe que cidade era aquela, e lhe responderam com um nome que nunca tinha ouvido, que não possuía significado algum, mas que teve no seu sonho uma ressonância sobrenatural: Macondo” (MÁRQUEZ, 2004, p. 28). O fundador acreditava ter descoberto o significado daquele sonho no dia em que conheceu o gelo, sem sequer suspeitar que ele trazia uma pista sobre o destino final de Macondo. Com efeito, Melquíades encontrara uma predição quando estudava as profecias de Nostradamus: via “uma cidade luminosa, com grandes casas de vidro, onde não restava nem rastro da estirpe dos Buendía” (MÁRQUEZ, 2004, p. 55). José Arcadio Buendía o corrige, ainda acreditando na visão de uma cidade feita de gelo que os prodígios da ciência e da tecnologia fariam possível surgir numa região tropical. Somente ao chegar às últimas linhas do romance, em meio ao vendaval que destrói a cidade, é que podemos compreender o significado daquele sonho: os espelhos eram uma metáfora das miragens, e que a própria Macondo seria apenas uma miragem, desterrada da memória dos homens após ser arrasada pelo furacão. Tal entrelaçamento entre o início e o fim de Macondo não deixa de ter um paralelo com a origem e o destino do nosso próprio universo, como lembra Davies (1994, p. 41): “o destino do universo depende, de forma sensível, de suas condições iniciais [...] O início e o fim do universo estão profundamente inter-relacionados”. Do mesmo modo que o destino final do universo está indelevelmente ligado a

parâmetros determinados nos primeiros instantes de sua existência, o destino final de Macondo já estava semeado em seu próprio início, o que Aureliano Babilonia constata ao ler nos pergaminhos que “Francis Drake tinha assaltado Riohacha só para que eles pudessem se perseguir pelos labirintos mais intrincados do sangue, até engendrar o animal mitológico que haveria de pôr fim à estirpe” (MÁRQUEZ, 2004, p. 394). Universos, sejam eles reais ou ficcionais, cujos fins são decretados pelas suas condições iniciais representam o triunfo final de uma concepção linear e determinística do tempo.

A história de Macondo, entretanto, seria de pouco interesse para um estudo da natureza do tempo se comportasse apenas uma concepção linear deste. A narrativa é repleta de repetições e ciclos, instâncias nas quais o tempo dá voltas em torno de si ou até mesmo é parado, e podemos observar isso em dois eventos dos tempos primordiais da aldeia: a morte de Melquíades e o surto que leva José Arcadio Buendía à loucura. O cigano tem tanta consciência do momento em que morrerá que adverte para que se queime mercúrio por três dias em seu quarto quando isto acontecer, e declara que alcançou a imortalidade. Quando Melquíades morre afogado no rio, José Arcadio Buendía providencia a queima do mercúrio, e o quarto passa a ser preservado das intempéries do tempo, a ponto de, muitos anos depois, Úrsula reabri-lo para Aureliano Segundo ainda estar “tudo varrido e limpo mais bem varrido e mais limpo que no dia do enterro, e a tinta não secara no tinteiro, nem o óxido alterara o brilho dos metais, nem se extinguiu a brasa do alambique onde José Arcadio Buendía vaporizara o mercúrio” (MÁRQUEZ, 2004, p. 178). O tempo haveria de ficar parado no quarto até a morte definitiva de Melquíades, já nos tempos de Aureliano Babilonia, tataraneto do patriarca dos Buendía e neto de Aureliano Segundo: “E o quarto se fez então vulnerável à poeira, ao calor, ao cupim, às formigas ruivas, às traças que haveriam de transformar em pó a sabedoria dos livros e dos pergaminhos” (MÁRQUEZ, 2004, p. 338).

A queda de José Arcadio Buendía rumo aos abismos da loucura começa com seu sucesso em criar um sistema de movimento contínuo baseado no pêndulo. É a percepção de que o tempo não passa, no entanto, que precipita o surto do qual jamais voltaria a se recuperar. Após dias refletindo sobre o problema de criar um moto perpétuo a partir do pêndulo, ele pergunta ao futuro Coronel Aureliano Buendía qual era o dia da semana, e este diz ser terça-feira, mas ele não acredita:

“Mas de repente que continua sendo segunda-feira, como ontem. Olha as paredes, olha as begônias. Hoje também é segunda-feira”. Acostumado com suas esquisitices, Aureliano não lhe deu importância. No dia seguinte, quarta-feira, José Arcadio Buendía voltou à oficina: “isto é uma desgraça, olha o ar, ouve o zumbido do sol, igualzinho a anteontem. Hoje também é segunda-feira”. [...] Na quinta-feira voltou a aparecer com um aspecto de terra arrasada. “A máquina do tempo estragou”, quase soluçou, “e Úrsula e Amaranta tão longe”. Aureliano repreendeu-o como a um menino e ele adotou um ar submisso. Passou seis horas examinando as coisas, tentando encontrar uma diferença do aspecto que tiveram no dia anterior, procurando descobrir nelas alguma mudança que revelasse o transcurso do tempo [...]. Na sexta-feira, antes que todos se levantassem, voltou a observar a aparência da natureza, e não teve a menor dúvida de que continuava sendo segunda-feira (MÁRQUEZ, 2004, p. 78-79).

Merrell (1999, p. 26-27) interpreta a convicção de José Arcadio Buendía de que o tempo não passava como uma representação da queda do modelo mecanicista-determinista da Física na virada do século XIX para o XX: a ideia de que o tempo havia parado seria correspondente à concepção newtoniana na qual o tempo seria reversível e que se poderia falar de um tempo universal em um determinado instante, que seria válido para todos os observadores independente de como estes se moviam uns em relação aos outros, ideia que a Relatividade einsteiniana viria a derrubar em 1905. Em seu estado de demência, ele representaria a Física clássica em estado catatônico diante das revoluções trazidas pela Relatividade e pela Teoria Quântica, que alteraram por completo os conceitos de tempo e espaço fixos e eternos de físicos como Newton e Laplace. Mas podemos interpretar sua percepção de estase temporal como uma descoberta de que o tempo não era obrigado a fluir

inexoravelmente, mas poderia andar em círculos ou mesmo parar, inovações que a Relatividade Geral introduzira na Física em 1915. Neste caso, José Arcadio Buendía, ao contrário de ser o representante derrotado de uma concepção de tempo que se revelara ultrapassada, pode ser visto como um visionário que anteviu a revolução que os conceitos de tempo e espaço sofreriam com o advento da Física Moderna.

A percepção de uma natureza cíclica do tempo se consolidaria durante e logo após as guerras através das percepções de dois personagens cruciais da obra: Úrsula e o Coronel Aureliano Buendía. A matriarca dos Buendía, com um marido louco amarrado a uma árvore e os filhos varões extraviados, tem sobre seus ombros a tarefa de sustentar a casa e a família em meio às turbulências dos conflitos nacionais. O Coronel se envolve nas escaramuças políticas que dividem o país movido por um sentimento de revolta ante o abuso de poder da autoridade central (MÁRQUEZ, 2004, p. 100), para muitos anos depois abandoná-las ao perceber que não lutava senão por orgulho (MÁRQUEZ, 2004, p. 133). E em meio a tantas atribulações, ambos percebem que, apesar de envelhecerem, as crianças da família crescerem, e a chegada de novos aparatos tecnológicos darem uma evidente sensação de progresso, o tempo nem sempre segue sua progressão linear, mas pode dar voltas em torno de si mesmo, mantendo a tensão entre linearidade e circularidade do tempo à medida que a narrativa se desenrola.

Para uma matriarca centenária como Úrsula, que chega a conhecer tataranetos, a passagem do tempo não poderia ser mais óbvia: de uma mulher ativa e vigorosa vai sendo vitimada progressivamente pela decrepitude da idade, ao mesmo tempo em que seus filhos e netos crescem e morrem e a Macondo de seus anos de velhice é tão radicalmente diferente daquela que ela ajudou a fundar que o passar do tempo não lhe deveria suscitar quaisquer dúvidas. Entretanto, ela é uma das personagens que mais percebe as circularidades do tempo e a assimetria da passagem deste. O Coronel, com

sua clarividência que a guerra haveria de dissipar, também tem consciência de tais estranhezas do tempo na véspera de sua malograda execução:

“A senhora já sabe que sou adivinho” Ele brincou. E acrescentou seriamente: “esta manhã quando me trouxeram, tive a impressão de que já havia passado por tudo isso”. Na verdade, enquanto a multidão rugia à sua passagem, ele estava concentrado em seus pensamentos, assombrado da forma como as pessoas tinham envelhecido em um ano. As amendoeiras tinham folhas gastas. As casas pintadas de azul, pintadas em seguida de vermelho e logo pintadas novamente em azul, acabaram por adquirir uma coloração indefinível.

- E o que você esperava? - Úrsula suspirou - O tempo passa.
- É verdade - admitiu Aureliano - Mas não tanto (MÁRQUEZ, 2004, p. 122).

Úrsula haverá de repetir o mesmo diálogo com José Arcadio Segundo, com papéis trocados: ela advertirá ao bisneto de que o tempo passa, mas não tanto, e ao fazê-lo, “mais uma vez se convenceu de que o tempo não passava, como ela acabava de admitir, mas andava em círculo” (MÁRQUEZ, 2004, p. 318). A habilidade de Aureliano em antever o futuro, como demonstrado na chegada de Rebeca à casa, nos muitos presságios confirmados durante a guerra, incluindo o da morte do pai (MÁRQUEZ, 2004, p. 137), insinua uma noção de que aquilo que vai acontecer já está predeterminado, algo que será revelado ao final por meio dos pergaminhos, e que se encaixa na visão da cosmologia moderna, onde o futuro do universo é consequência inevitável de suas condições iniciais. Sua clarividência, no entanto, é destruída pelos anos de guerra, a ponto de nos seus anos finais ser a única pessoa da casa que não vê o quarto de Melquíades preservado como no dia de sua morte, mas tomado pela decrepitude (MÁRQUEZ, 2004, p. 231-232), passando a ver somente a dimensão linear do tempo na qual tudo caminha para a decrepitude, tal qual o destino que a Segunda Lei da Termodinâmica impõe para o nosso universo.

A prosperidade econômica de Macondo após o fim das guerras e com a chegada da Companhia Bananeira traz consigo uma profusão de avanços científico-tecnológicos à região, que incutem nos personagens e mesmo nos leitores a sensação de progresso. A noção de progresso está diretamente

associada à concepção linear do tempo, na qual um processo constante de aprimoramento e avanço está em curso e que não dá mostras de que será interrompido. O frenesi de otimismo provocado pela prosperidade material e econômica proporcionada pela Companhia Bananeira e pelos confortos trazidos pelas inovações científicas e tecnológicas haveria, no entanto, de encontrar um final trágico nos conflitos da empresa com os trabalhadores que degeneram em massacre e resultam no dilúvio de proporções bíblicas que arrasa todo o esplendor da Macondo sede de companhia multinacional. Após o colapso do progresso econômico e tecnológico, a mensagem contida nos pergaminhos deixados por Melquíades passa a adquirir uma preponderância cada vez maior na história, quando José Arcadio Segundo começa a empreender a tarefa de decifrá-los e Aureliano Babilonia dá continuidade à empreitada após a morte do tio-avô. Em meio ao dilúvio, refugiados no quarto de Melquíades, eles percebem a natureza singularmente dual do tempo:

No quartinho isolado, aonde nunca chegou o vento árido, nem a poeira, nem o calor, ambos recordavam a visão atávica de um ancião com chapéu de asas de corvo que falava do mundo de costas para a janela, muito antes que eles nascessem. Ambos descobriram que ali sempre era março e sempre era segunda-feira, e então compreenderam que José Arcadio Buendía não estava tão louco como contava a família, e sim que era o único que dispusera de lucidez bastante para vislumbrar a verdade de que também o tempo sofria tropeços e acidentes e podia, portanto, se estilhaçar e deixar no quarto uma fração eternizada (MÁRQUEZ, 2004, p. 330).

No tempo linear, entretanto, Macondo segue caminhando rumo à sua destruição final. Um indício de que o final estava próximo e era irremediável é o encontro de Aureliano Babilonia com sua tataravó Pilar Ternera, quando ele confessa seu amor por Amaranta Úrsula e é incentivado por Pilar a procurá-la, pois para a pitonisa centenária “um século de cartas e experiência lhe ensinara que a história da família era uma engrenagem de repetições irreparáveis, uma roda giratória que continuaria dando voltas até a eternidade, não fosse pelo desgaste progressivo e irremediável do seu eixo” (MÁRQUEZ, 2004, p. 374). Tal desgaste pode ser associado à Segunda Lei da

Termodinâmica, que em sua inexorabilidade determina que o universo deve dissipar progressivamente sua energia até atingir um estágio de equilíbrio termodinâmico denominado morte térmica (DAVIES, 1994, p. 130). Os inúmeros ciclos temporais dentro da obra estão todos inseridos numa narrativa linear e que caminha para um final determinado muitos anos antes pela escrita profética de Melquíades.

O amálgama entre a linearidade e a circularidade do tempo se confirma quando Aureliano Babilonia finalmente consegue decifrar os manuscritos, e descobre neles a história da família, contada nos seus mínimos detalhes com um século de antecipação, e com um ordenamento temporal bastante peculiar: Melquíades havia “ordenado os fatos não no tempo convencional dos homens, mas concentrando tudo num século de episódios cotidianos, de modo que todos coexistiram num mesmo instante” (MÁRQUEZ, 2004, p. 393), como se todos os eventos descritos pelos pergaminhos estivessem ocorrendo simultaneamente, uma visão que guarda enorme similaridade com a interpretação de múltiplos mundos da Mecânica Quântica, que resolve o problema da incerteza da função de onda ao cogitar que cada resultado possível acontece em algum universo paralelo (TEGMARK, 2003, p. 47), e com o conceito de tempo imaginário concebido por Stephen Hawking, cuja utilidade é se livrar das singularidades que inevitavelmente aparecem na Relatividade Geral. Para Hawking, uma história no tempo imaginário corresponde a uma determinada história no tempo real, de tal modo que “talvez o que nós chamamos de tempo imaginário seja realmente mais concreto, e o que chamamos de tempo real seja apenas uma idéia que inventamos para nos ajudar a descrever o que pensamos ser o universo” (HAWKING, 1991, p. 195).

Da mesma forma que o tempo imaginário pode se revelar mais fundamental e o tempo real ser apenas uma descrição útil para o nosso mundo, o tempo descrito nos pergaminhos de Melquíades pode ser o tempo fundamental, enquanto o tempo linear real que leva a narrativa do começo ao fim seria

apenas uma forma mais fácil de contar a história para seres como nós, habituados a enxergar o tempo como progredindo do passado para o futuro. A passagem em que Aureliano Babilônia e Amaranta Úrsula presenciam o trânsito dos mortos pela casa (MÁRQUEZ, 2004, p. 388), vem a amparar tal ponto de vista, pois parece sugerir que todos os personagens coabitam a casa ao mesmo tempo, revivendo suas obsessões de vida. Para Bell-Villada (2009, p. 42), “given so many repetitions, the temptation is to see in the one hundred years of Macondo a century without change”. Uma vez que todos os momentos coexistem na narrativa dos pergaminhos, tal conclusão é bastante plausível.

Da mesma forma que a história do universo é bastante distinta no tempo imaginário e no tempo real (HAWKING, 1991, p.194-195), também a história de Macondo se diferencia em ambos. No tempo dos pergaminhos de Melquíades todos os instantes coexistem e não parece existir de fato uma progressão do passado para o futuro. No tempo real, entretanto, Macondo é arrasada pelo vendaval e nada dela parece restar, uma vez que sua história é descrita como irrepitível. Tal fim violento é bastante semelhante ao final de um universo cuja densidade seja suficiente para frear a expansão e transformá-la numa contração: as galáxias correm de volta umas às outras até serem esmagadas, com seus astros constituintes e, instantes antes do fim, os próprios átomos e as partículas que os compõem seriam esmagados numa singularidade. Paul Davies (1994, p. 112) conclui sua descrição do chamado *Big Crunch* afirmando que ele seria o fim de tudo, do próprio tempo e do espaço. Para Macondo, “arrasada pelo vento e desterrada da memória dos homens” (MÁRQUEZ, 2004, p. 394), o destino no tempo real parece ser similar: de seus caudalosos cem anos não resta sequer a memória. Desta forma, a tensão entre as concepções linear e circular do tempo parece ser resolvida na obra de modo a preservar ambas, cada uma em seu próprio âmbito temporal: Macondo e os Buendía existiram para sempre no tempo imaginário onde a progressão do passado para o futuro inexistente, mas são de

fato aniquilados no tempo real da narrativa convencional onde as noções de começo, meio e fim são preservadas.

Conclusão

Nosso estudo sobre o tempo dentro da obra vimos que duas concepções distintas de tempo coexistem dentro dela, uma linear e uma circular. Em uma concepção linear de tempo, onde tudo é irrepitível desde sempre e por todo sempre, é possível encaixar uma visão progressista da ciência e da tecnologia, onde ambas são a ponta de lança de uma sociedade em desenvolvimento contínuo. Só que um tempo linear está inexoravelmente sujeito à decadência prevista pela Segunda Lei da Termodinâmica, que prevê que a desordem deve sempre aumentar em um sistema fechado. O universo ficcional de Macondo, como vimos, está sujeito a ela, que ao fim e ao cabo vem cobrar seu preço. A mesma linearidade temporal que dá à concepção de progresso sua razão de ser também a ela impõe limites e prevê sua derrota final contra a Termodinâmica. Tal qual a história do nosso universo, a história de Macondo no tempo real possui início, meio e fim.

Numa concepção cíclica de tempo, entretanto, as coisas se tornam mais complicadas. A circularidade de tempo permite escapar da noção de finitude, e como tal salvar o universo ficcional de Macondo de uma destruição inevitável, como sugere Schroeder (2009, p. 195): “García Márquez’s own use of literary alchemy redeems, if not this Macondon cycle, then perhaps the next. And García Márquez’s own mention of Big Mama’s funeral reminds us that there will be a ‘next time’ for Macondo; the experiment will be retried”. Schroeder se refere ao funeral de Mamãe Grande, ao qual o romance se refere quando do enterro de Melquíades: “Foi o primeiro enterro e o mais concorrido do povoado, superado apenas um século depois pelo carnaval funerário da Mamãe Grande” (MÁRQUEZ, 2004, p. 74). O funeral de Mamãe Grande não é mencionado no restante da obra, sendo relatado em um conto anterior a *Cem*

Anos, intitulado *Os funerais da Mamãe Grande*. A circularidade do tempo em Macondo permitiria vários fins e recomeços dentro do conceito de tempo imaginário. A estrutura temporal de Macondo é um reino de inúmeras possibilidades, onde diversas realidades podem conviver em paralelo, como demonstra o trânsito dos mortos pela casa nos momentos finais da povoação (MÁRQUEZ, 2004, p. 388), onde todos os eventos coexistem em um único instante, tal como descrito nos pergaminhos de Melquiádes. Assim, a dicotomia entre linearidade e circularidade do tempo em *Cem Anos de Solidão* possui um paralelo com as concepções de tempo real e tempo imaginário tal qual trabalhadas atualmente na Física.

Referências

BELL-VILLADA, Gene. The Dark Side of Magical Realism: Science, Oppression and Apocalypse in *One Hundred Years of Solitude*. In: BLOOM, Harold (Org.). *Modern Critical Interpretations: One Hundred Years of Solitude*. New York: Infobase, 2009. p. 25-38.

CALLENDER, Craig. O tempo é uma ilusão? *Scientific American Brasil*, São Paulo, n. 41, p. 69-75, 2010.

DAVIES, Paul. *Os três últimos minutos: conjeturas sobre o destino final do universo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

HAWKING, Stephen. *O universo em uma casca de noz*. São Paulo: Mandarim, 2001.

HAWKING, Stephen. *Uma breve história do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MERRELL, Floyd. José Arcadio Buendia's Scientific Paradigms: Man in Search of Himself. In: BLOOM, Harold (Org.). *Modern Critical Views: Gabriel García Márquez*. New York: Chelsea House, 1999. p. 21-32.

SCHROEDER, Shanin. Advancing in the Opposite Direction of Reality: Magical Realism, Alchemy and *One Hundred Years of Solitude*. In: BLOOM, Harold (Org.). *Modern Critical Interpretations: One Hundred Years of Solitude*. New York: Infobase, 2009. p. 193-209.

TEGMARK, Max. O jogo de espelho dos universos paralelos. *Scientific American Brasil*, n. 13, p. 42-49, 2003.

Recebido em: 28 de fevereiro de 2014.
Aprovado em: 13 de abril de 2014.